

Karl Marx Foi Demitido!

LESTER VELIE

NESTES últimos 17 meses, quase sem ser notada pelo mundo ocidental, uma transformação histórica se vem processando na Hungria comunista. Desde 1.º

de janeiro de 1968, os húngaros mudaram a marcha do velho planejamento burocrático central stalinista para o que chamam de "Nôvo Mecanismo Econômico". Essa nova orientação é, na verdade, uma declaração de guerra ao tradicional dogma econômico marxista. Dessa forma, com coragem, cautela e habilidade (há 40.000 soldados soviéticos em seu território), os húngaros estão fazendo o mais ambicioso esforço já observado entre os satélites para se libertarem da camisa-de-fôrça econômica imposta pelos russos.

Em vista da névoa de medo que paira sobre a Europa Oriental depois da invasão da Tchecoslováquia, como

Com pouca propaganda, mas grande alcance, a Hungria comunista está-se afastando do contrôle estatal rígido da economia para um sistema de mercado livre em que o lucro é a medida do sucesso

jornalista eu considerava mínimas as minhas probabilidades de obter visto em meu passaporte para a Hungria. Entretanto, o visto foi prontamente concedido, e um cordial funcionário do Ministério do Exterior me assegurou que eu poderia ir aonde quisesse e falar com quem tivesse tempo para falar comigo. Quando as portas se abriram, encontrei na Hungria as pessoas que pensam e as que agem falando francamente dos erros do passado e das esperanças do futuro—como se fôsse a coisa mais natural do mundo dizer a um repórter ocidental do insucesso do outro sacrossanto "marxismo-leninismo científico".

Apurei que os principais atôres dêsse drama de remodelação são os homens emancipados pelo Nôvo Mecanismo Econômico—os gerentes dos armazéns, fábricas e fazendas estatais. A transformação operada na vida dêles a partir de 1.º de janeiro de 1968 permite penetrar com segurança na transformação maior em andamento através da Hungria.

Contra-Revolução. O Dr. Imre Buk, diretor da Corvin, o maior magazine de Budapeste, disse-me que antes das reformas de 1.º de janeiro tinha metade da responsabilidade que tem agora. Só podia comprar a mercadoria que tivessem os atacadistas do govêrno. O Ministério do Comércio Interno fixava os preços, e as instruções do Ministério do Trabalho determinavam o número de vendedores e a escala de salários. Se as mercadorias se empilhavam sem serem vendidas e a loja perdia dinheiro, quem se importava com isso? O “estado” estava sempre pronto com um subsídio. Ninguém se preocupava com os fregueses; o objetivo principal era que as fábricas do Estado cumprissem as metas de produção. Um gerente de fábrica, que recebeu ordem de produzir “40 toneladas de lã para tricotar”, tomou providências para conseguir êsse objetivo produzindo apenas uma lã de fio grosso—apesar dos protestos de Buk no sentido de que os fregueses não queriam o artigo.

Atualmente, a Corvin é ainda de propriedade do Estado; mas o Dr. Buk, como outros, foi transformado

de uma peça burocrática num homem de negócio que compra e vende livremente. E tem uma nova missão na vida: apresentar lucro, à maneira capitalista (para a loja do Estado, é claro, e não para qualquer indivíduo). Agora, o Dr. Buk consegue os modelos, os tamanhos e até os artigos novos que quer, porque o gerente da fábrica se mostra ansioso em atendê-lo. Tal como o Dr. Buk, êle tem também de funcionar com uma margem de lucro, e portanto procura agradar aos fregueses. Organizou-se uma equipe de pesquisa de mercado para investigar os desejos dos fregueses e hoje aparecem nos balcões das lojas artigos que nenhum planejador do Estado da velha guarda consideraria como capazes de “construir socialismo”: calças justas, mini-saias e meias-calças.

Com tudo isso, veio outra inovação: a publicidade no rádio e na televisão. O encarregado da publicidade do Dr. Buk, chamado “diretor de propaganda”, compra agora espaço no rádio e na televisão para anunciar a venda de artigos especiais conseguidos pelo Dr. Buk—por exemplo, um casaco de peles de imitação que fêz as freguesas afluírem à loja. E o diretor de propaganda está lançando um nôvo *slogan*: “Você pode encontrar tudo em Corvin.”

Lucro com Honra. Numa fábrica de material elétrico perto do aeroporto de Budapeste, a transformação do sistema marxista é simbolizada pela nova posição de Sandor Dombi.

Exerce êle um alto cargo de gerência, mais ou menos correspondente ao de um vice-presidente executivo no Ocidente. Entretanto, até antes das reformas, não tinha voz ativa sôbre o feitio, o preço, a qualidade ou a quantidade dos artigos que a sua fábrica produzia. As matérias-primas e as peças eram compradas para êle por um funcionário do Estado, e os produtos acabados eram encaminhados a um distribuidor nomeado pelo govêrno.

Agora, Dombi toma as decisões e assume os riscos. Foi recentemente ao banco, prática inebriante que até então não conhecia (o Ministério da Metalurgia e da Indústria Pesada manejava as finanças da sua companhia), e tomou um empréstimo de 12 milhões de forints, ou seja, um pouco mais de 250.000 dólares. Com êsse dinheiro e com as reservas de sua companhia, Dombi e seus companheiros de gerência instalaram um nôvo departamento, para empregar cêrca de 400 operários e produzir uma nova linha de ferramentas manuais elétricas, serras, brocas e equipamento de polimento—tudo porque os 16 homens do seu nôvo departamento de pesquisa de mercado haviam descoberto a procura dêsse material.

A nova obrigação de Dombi—conseguir lucro—desatou uma reação em cadeia dessas mudanças, na sua maioria baseadas no estudo dos métodos gerenciais do Ocidente. Em 1967, antecipando a emancipação dos gerentes, o govêrno havia organizado

cursos intensivos, ministrados por professôres universitários e suplementados por estrangeiros com prática de gerência, os quais versavam sôbre as complexas técnicas ocidentais de administração. Os métodos ocidentais foram acompanhados de incentivos do tipo ocidental. O gerente Dombi pode ganhar uma gratificação de até 80% do seu salário anual—se alcançar a meta de lucro fixada pelo Estado.

Enfrentando a Amarga Verdade. Parece que um diretor industrial, e não um funcionário do govêrno ou um chefe de partido, é que deve tomar as decisões comerciais de uma companhia; que as mercadorias só devem ser produzidas quando há fregueses para elas; que o lucro determina se uma companhia deve ou não continuar a funcionar. Mas, no passado, essas verdades foram consideradas, através do bloco soviético, desvios radicais do “marxismo-leninismo científico” e revoltantes heresias contra o dogma comunista.

Durante meio século na Rússia, e mais de dois decênios entre os seus satélites, grupos de chefes do Partido Comunista exerceram um domínio férreo sôbre a vida econômica de seus países. Todos os anos, os altos planejadores centrais ditavam quais as indústrias que deviam ser construídas, a quantidade de adubos que seria distribuída à agricultura, o que os consumidores comeriam e usariam e quantas horas um trabalhador assalariado deveria trabalhar e por quanto. Os ministérios do govêrno

dividiam o plano nacional pelas indústrias, dizendo a cada gerente o que devia produzir, para onde teria de remeter o produto e o que lhe caberia cobrar pelo mesmo.

Mas no início da década de 1960, através do bloco soviético, os regimes comunistas começaram a enfrentar a amarga verdade de que seus países sofriam cada vez mais de dificuldades econômicas, ao passo que os padrões de vida ocidentais se elevavam continuamente. Na Hungria, em fins de 1964, a liderança comunista ordenou que se examinasse a fundo a “economia dirigida” do tipo soviético. Ao fim de um ano, num documento do volume de um livro, os economistas apontaram as falhas do sistema. Negado ao público em geral, mas distribuído entre várias centenas de elementos do Partido, do governo, do magistério e da indústria, o livro fazia soar vários dramáticos avisos de tempestade.

Um deles mostrava o extravagante desperdício de matérias-primas do velho sistema. Por exemplo, o marxismo-leninismo de Stalin havia incentivado o “culto do plano”. O plano de cada ano tinha de mostrar um aumento da capacidade de produção—quer houvesse ou não material de construção ou equipamento para fábricas. Dessa maneira, os planejadores centrais iniciavam novas fábricas, enquanto as velhas continuavam inacabadas durante anos, tornando assim inativo o material. Isso multiplicava a escassez de material e de trabalhadores e provocava

conseqüências desastrosas, entre elas a incapacidade de construir ou conservar habitações para o povo.

Havia cêrca de 300.000 pedidos de casas para morar que mofavam nas gavetas das repartições do governo em Budapeste. Os assalariados é que estavam em situação mais aflitiva. “Quase metade dos trabalhadores, tenham dois filhos ou quatro, vivem em apartamentos de uma só peça”, dizia um jornal. “E os trabalhadores são menos atendidos nos seus pedidos de casas do que outros!” Em conseqüência desse congestionamento e da falta de intimidade, o índice de natalidade do país era o mais baixo da Europa.

Os economistas que fizeram a investigação apontaram também o extravagante desperdício da mão-de-obra na indústria da Hungria. Um gerente, que não tinha de preocupar-se com lucros, contratava operários em excesso e não tinha qualquer incentivo para instalar maquinaria que poupasse mão-de-obra. Nesse sistema que estimula o mito de que não há desemprego sob o marxismo-leninismo, os salários não podiam deixar de ser baixos, nem os operários de ser descontentes e apáticos.

Em teoria, o Partido Comunista, como “vanguarda do proletariado”, cuida dos interesses dos operários. Na realidade, desde que o Estado possui virtualmente tudo, o operário descobre que essa “vanguarda do proletariado”, agindo como patrão, está mais interessada em arrancar dele tôda a produção possível. As-

sim, na Hungria, como em todo o bloco soviético, o operário aprendeu a defender-se. Mandriava no trabalho, registrava no relógio um tempo de trabalho fictício, falsificava relatórios de produção—às vezes com a conivência dos contramestres.

O Grande Debate. Em 1966, depois que os líderes do Partido, as autoridades do governo, os professores e os gerentes de empresas estatais digeriram as amargas verdades apresentadas no libelo dos economistas, as melhores cabeças da Hungria mergulharam num debate único no comunismo do bloco soviético. Nunca uma mudança radical que afetava o futuro tinha sido esmiuçada em público e, pela primeira vez, o Partido dividia a decisão com elementos estranhos ao mesmo, inclusive pessoas que lhe haviam criticado as diretrizes.

O debate foi livre e até renhido. Entre as forças favoráveis à reforma, estava o ilustre economista Jozsef Bognar. Embora tivesse ficado fora do Partido, presidia a prestigiosa Comissão de Finanças do Parlamento Húngaro. Agrupados contra o Professor Bognar e os jovens economistas, professores e gerentes de empresas de mentalidade reformista, estavam os homens que temiam que qualquer remendo no sistema marxista pudesse encaminhar a Hungria para a estrada capitalista. Temiam também a diminuição do seu poder.

Os reformadores apresentaram as quatro propostas básicas e radicais:

1) Descentralizar a economia até ao nível da empresa. Desentravar a imaginação e a iniciativa do gerente, desprendendo-o do controle direto dos *apparatchiks* do Partido e dos burocratas do governo.

2) Deixar as forças da oferta e da procura exercerem a tarefa que os Planejadores Centrais tinham tentado executar até então. Refletindo o que os fregueses querem e até que ponto são bem servidos, o mercado é um regulador sensível e automático.

3) Deixar que o lucro sirva de orientação. Para dar lucro, uma empresa estatal tem de usar homens e material com eficiência.

4) Incluir o operário na ação. Substituir o ilusório sindicato comunista por um sindicato que negocie um contrato coletivo de trabalho e proteja os interesses dos seus filiados.

Os marxistas da linha antiga combateram essas propostas históricas com o zelo de verdadeiros crentes em defesa da sua fé. Os reformadores destruíram pouco a pouco a maior parte da sua oposição e, em princípios de 1967, estavam em condições de levar a sua argumentação à autoridade final, o Primeiro-Secretário Janos Kadar e o seu Comitê Central Comunista. Em novembro de 1967, a liderança do Partido apoiou os reformadores. Conseguira-se um grande e histórico avanço. No dia de Ano Novo de 1968, os húngaros despediram-se da espécie stalinista de "marxismo-leninismo científico" e introduziram o Novo Mecanismo Econômico.

Na Corda Bamba. Por que os russos não tocaram nos húngaros, mas invadiram a Tchecoslováquia?

Na Hungria, as reformas vieram do alto; o Partido controlou durante todo o tempo a imprensa e o rádio e a discussão foi mantida sob censura. Na Tchecoslováquia, as reformas partiram de baixo. Ali, líderes mais moços tiveram de derrubar Antonin Novotny a fim de abrir caminho para a transformação econômica. Depois, sob o seu sucessor, Alexander Dubcek, os *apparatchiks* do Partido continuaram a resistir à mudança tão obstinadamente que os reformadores recorreram à imprensa e ao rádio para conseguir apoio popular. Na opinião dos russos, essa disputa pública—rara nos anais dos satélites—ameaçava enfraquecer o domínio do PC tcheco sobre o país. Ameaçava ainda desfechar uma cadeia de ação contra o Partido nas vizinhas Alemanha Oriental e Polônia.

Mas, embora os russos não intervissem na Hungria, continuam a pesar fortemente sobre o espírito dos reformadores. Como me disse um dos pais da reforma húngara: “Estamos como um homem que anda numa corda bamba e tem não apenas de ver onde pisa, mas também de fazer malabarismos com quatro bolas ao mesmo tempo. Se caminharmos muito devagar, as nossas reformas podem atrofiar-se e morrer. Mas, se formos muito longe e muito depressa, provocaremos uma rebelião entre os dogmatistas do Partido e os burocratas do Estado e traremos talvez

os russos para cima de nós; como aconteceu com os tchecos.”

Por isso, os húngaros estão marchando com a mais controlada velocidade. Os planejadores centrais não abandonaram por completo o seu domínio sobre a economia. Conservam o controle de metade dos preços, da maioria dos salários e de grande parte do crédito. Êsses controles poderão ser atenuados nos próximos anos, em função dos resultados e do pleno fruto das reformas. Uma economia de mercado completamente reestruturada não é esperada durante cerca de 10 anos. Os húngaros aproveitam ainda tôdas as oportunidades para assegurar aos russos que não estão “copiando os métodos do mecanismo econômico capitalista e da sua política de prosperidade”. Pouco depois do lançamento do Novo Mecanismo Econômico, convidaram um grupo de economistas soviéticos para ir a Budapeste. Por três semanas os magos econômicos do Oriente interrogaram os economistas húngaros durante longas horas. Os russos visitaram fábricas, interrogaram gerentes e então pronunciaram um veredicto informal. “As reformas”, disseram êles, “não são contrárias ao pensamento socialista.”

Um dos economistas russos, ao partir, chegou a aventurar a opinião de que a Hungria, um país pequeno, poderia ser a cobaia para experiências que uma nação como a colossal União Soviética não poderia empreender em escala nacional.

Cobaia ou bomba-relógio?